



**Discurso do Presidente da República, Luiz Inácio Lula da Silva, na
cerimônia de lançamento do Plano de Aceleração do Desenvolvimento e
de Diversificação Agrícola na Região Cacaueira do estado da Bahia**

Ilhéus-BA, 09 de maio de 2008

Meu caro companheiro Jaques Wagner, governador do estado da Bahia,
Minha cara companheira Dilma Rousseff, ministra-chefe da Casa Civil,
Meus companheiros ministros Reinhold Stephanes, da Agricultura,
Pecuária e Abastecimento; Geddel Vieira, da Integração; Guilherme Cassel, do
Desenvolvimento Agrário,

Senhoras e senhores deputados federais Alice Portugal, Lídice da Mata,
Nelson Pellegrino, Veloso, Odorico Pinto, e o companheiro Walter Pinheiro,

Senhor Newton Lima, prefeito de Ilhéus,

Senhoras e senhores deputados estaduais,

Secretários estaduais,

Companheiros trabalhadores,

Companheiros pequenos proprietários,

Representante dos companheiros da indústria do cacau,

Meus amigos de Ilhéus, de Itabuna,

Companheiros prefeitos aqui presentes,

Vereadores,

Companheiros e companheiras,

Eu tenho tido uma preocupação, e faço questão de dizer para vocês,
porque PAC também é um pouco de ensinamento político, de educação
política. Eu tenho andado pelo Brasil e estou começando a sentir algumas
dificuldades.

O PAC é um programa institucional do governo federal, dos governos



estaduais e das prefeituras. E eu tenho bilhões de reais para anunciar, fazer contratos e, ao mesmo tempo, assinar início de obras nas regiões. E eu estou percebendo que está ficando difícil, porque começa a se apresentar, no lançamento do PAC, a disputa eleitoral das prefeituras. E essa disputa eleitoral, que é democrática, legítima, saudável, e eu não posso falar mal de eleição, porque disputei um monte de eleições, mas é preciso que a gente consiga compreender o seguinte: nós viemos aqui anunciar um desejo dos produtores de cacau de muitos e muitos anos, de uma região que já foi muito rica, e uma região que, por conta de N motivos foi empobrecendo, e a indústria do cacau foi decaindo. Nós estamos trabalhando nisso há muitos meses.

Então, eu gostaria que as manchetes dos jornais amanhã, aqui na região, fossem o que disse o ministro Reinhold Stephanes, a explicação dele, os quase 2 bilhões e 200 milhões de reais que vão ser colocados para financiar o novo programa, da negociação da dívida de quase 1 bilhão de reais. Eu pensei que a manchete seria isso. Mas, qual é a minha preocupação, companheiros? É que amanhã a Manchete possa ser: “Geddel foi vaiado”. E o povo não saiba da notícia que aconteceu aqui. E a imprensa, se disser isso, não está mentindo, porque aconteceu, porque aqui prevaleceu, em alguns momentos, a disputa eleitoral de Itabuna, certamente, a disputa eleitoral de Ilhéus ou a disputa eleitoral de outro negócio. E isso está complicando.

Eu tenho que ir ao Maranhão. O povo precisa, o governo quer, a oposição não quer que eu vá. Eu tenho que ir à Paraíba inaugurar obras. O povo precisa, o governo quer, a oposição ao governador não quer que eu vá. É assim, em cada estado, e está ficando difícil. Ou eu vou e enfrento essa situação, ou eu paro de ir e vou ver o que acontece depois das eleições. Essa é uma coisa importante porque eu acho que a manifestação é democrática, vocês jamais me verão fazer críticas, vaia e aplauso para mim é a mesma coisa, só que a imprensa não publica aplausos, só vaias. A imprensa parece que tem ojeriza aos aplausos. Mil aplausos não valem uma notinha do jornal.



Uma vaia vale a manchete da primeira página. Esse é o dilema. Então, nós precisamos sempre, em todos os atos, medir qual é a manchete que a gente quer produzir no dia seguinte, porque senão todos nós perdemos. E nessa brincadeira de olho por olho, dente por dente, todo mundo vai ficar cego e vai ficar banguela. É preciso que tenha uma mediação. Digo isso com carinho.

Agora, eu estou feliz aqui. Posso dizer para o povo – que é a razão da grandeza do Jorge Amado, da região que o inspirou tanto –, que eu me sinto feliz, muito feliz, porque venho aqui à Bahia, nesta terra extraordinária, dizer para vocês: nós, definitivamente, vamos recuperar a indústria cacaujeira nesta região, vamos salvar a produção de cacau e, mais ainda, vamos fazer uma combinação perfeita entre a seringa, o cacau e o dendê. E, se Deus quiser, logo, logo, o dendê plantado aqui vai para a Petrobras montar uma usina de biodiesel e produzir biodiesel para que a gente possa gerar empregos aqui e gerar combustíveis menos poluentes para despoluir o planeta terra.

Mas também viemos anunciar outras obras importantes. Dos 417 municípios que tem a Bahia, mais de 300 estão recebendo dinheiro do PAC. Hoje, no Brasil, mais de 5.200 municípios têm alguma obra do PAC, seja água, seja casa, seja tratamento de esgoto, seja adutora, em cada um dos municípios deste País.

E vocês estão percebendo que isso começa a resultar em crescimento econômico. A indústria da construção civil, que havia 26 anos não crescia, está crescendo muito, gerando empregos, e começa a faltar betoneira, começa a faltar caminhão para entregar concreto, começa a falta azulejista, começa a faltar pedreiro, começa a faltar cimento, começa a faltar as coisas, por quê? Porque o País não estava acostumado a crescer. E na hora em que ele começa a crescer, a gente percebe que a gente tem que andar mais rápido, construir novas fábricas, produzir mais coisas. Porque se a vontade de comprar, do povo, for maior do que os produtos que a gente tem para vender, nós vamos ter inflação, e a inflação prejudica o pequeno, que ganha salário,



que não tem conta remunerada no banco. E, portanto, nós temos que incentivar o crescimento da economia brasileira.

Eu diria mais: o Brasil vive uma espécie de momento excepcional. A Dilma disse bem: nós não pagamos o FMI, Dilma. Não pagamos, nós devolvemos 16 bilhões e 900 milhões de dólares, que eram a reserva que tinha, do governo passado. A gente não utilizou e falamos para o FMI: “Pegue o seu dinheiro...” Vocês não sabem o prazer que um nordestino, torneiro mecânico, teve, quando liguei para o Presidente do FMI, um espanhol chamado Rato, liguei para ele e falei: “Presidente, eu estou lhe comunicando que o Brasil vai devolver os 16 bilhões e 900 milhões de reais”. “Não, presidente Lula, nosotros não precisamos de plata, pode se quedar em Brasil”. Você viu que eu estou chique no espanhol, aqui. Eu falei: “Não, nós não queremos o dinheiro, vamos devolver”.

Eu aprendi com uma mãe analfabeta, aprendi com a minha mulher, que a gente não precisa fazer dívida que a gente não pode pagar. A gente não tem que comprar se a gente não tem possibilidade, a gente não tem que se endividar se a gente não vai poder pagar amanhã. É melhor a gente ser pobre honrado, do que ser roto, dever para todo mundo e não pagar.

Bem, também pagamos o Clube de Paris. Mas qual é a vantagem que nós temos hoje? É que, quando nós entramos no governo, a gente não tinha crédito para pagar as nossas importações, e a gente teve, durante muito tempo, déficit na balança comercial: a gente comprava mais do que a gente vendia. É o caso do cacau. A gente está importando mais, agora, do que aquilo que a gente vende.

Então, o que nós fizemos? Eu viajei muito pelo mundo, comprei até um avião, que disseram que era “aerolula”. Porque, no fundo, no fundo, a mediocridade daqueles que governavam este País era tão grande, que eles não viajavam, eles achavam que os outros gostavam de nós pela beleza dos nossos olhos, que eles iam saber da nossa capacidade de produção. E eu



aprendi: quem quer vender, vai mostrar; quem quer vender, vai atrás.

Pois bem, nós saímos de 60 bilhões de exportação, vamos chegar a 185 bilhões de exportação. Nós, que não tínhamos reserva, hoje temos quase 200 bilhões de dólares do Tesouro Nacional, é mais dinheiro em caixa do que a dívida que a gente deve entre privada e pública. É por isso que a Dilma disse: “Nós deixamos de ser devedores e passamos a ser credores”. É como se um de vocês devesse, pagasse tudo e ainda tivesse um dinheirinho para emprestar para alguém mais necessitado. Então, eu estou feliz.

Na semana passada, o Brasil foi reconhecido como Investment Grade. Isso significa que o Brasil tem a sua economia mais ajustada, que o Brasil tem mais estabilidade e que, portanto, os investidores estrangeiros tem mais confiança em investir no nosso País. Nunca se investiu tanto na agricultura familiar deste País como estamos investindo. Nunca teve tanto crédito para o pequeno produtor como tem agora. Nunca teve tanto crédito consignado como tem agora. Nunca teve microcrédito como nós temos agora e fizemos o dinheiro circular neste País nas mãos dos pobres.

Aqui eu não sei se tem sindicalista. Noventa por cento dos acordos salariais feitos nestes últimos anos foram acordos salariais com ganho de aumento real de salário. O salário mínimo teve mais de 50% de aumento real. Então, nós sabemos que ainda não fizemos tudo, mas estamos provando que é possível fazer, de grão em grão a galinha enche o papo. O que acontecia era que antes, ao invés de grão em grão, todo mundo encher o papo, dava logo um punhado para um só, e o restante ficava com fome sem ter nem reajuste, nem aumento e nem crédito.

Pois bem, companheiro Jaques Wagner, hoje para mim é uma noite consagrada. Cheguei dez horas da noite, fui com a ministra Dilma jantar na casa do Jaques Wagner, comi um bacalhau que há muitos anos eu não comia. Aliás, eu nunca tinha comido um igual àquele lá. Fui para o hotel duas horas da manhã, acordei às seis horas da manhã, ainda não almoçamos, porque o



Jaques Wagner, para economizar dinheiro para a Bahia, não deu almoço para nós. Porque ele falou: “Não vou dar almoço porque agora é tudo para o cacau de Ilhéus”. Vamos ver se é verdade. Agora, vamos ver se a gente come uma comidinha no avião até São Paulo, de lá a Dilma ainda vai para o Rio Grande do Sul, porque ela é mãe, ela tem que passar o ano.... Ao invés da filha dela vir passar com ela, ela que vai passar com a filha, porque a filha está de lua de mel, então tem que ficar esperando a mãe visitá-la. Os Ministros vão para os seus estados passar com a sua família, mas na semana que vem estaremos viajando o Brasil outra vez, porque o lugar de presidente da República é dois dias no gabinete dele e três dias nas ruas deste País vendo a cara do povo, conversando com o povo, discutindo com o povo.

Eu quero fazer justiça, aqui, ao ministro Reinhold Stephanes, esse companheiro, quando eu o convidei para ser ministro da Agricultura, indicado pelo PMDB, eu falei: “Ministro, nós precisamos resolver o problema do cacau no sul da Bahia. Eu quero que você dedique exclusivamente, monte uma equipe para discutir isso”. Toda vez que eu encontrava o Reinhold, eu perguntava: “Reinhold, e o cacau? Eu preciso ir à Bahia e eu não posso chegar lá para falar com o Wagner sem o cacau”. “Está quase pronto, Presidente”. Quando ele disse que estava pronto, entrou a negociação da dívida agrícola do País, uma negociação com todos os produtores do País, 76 bilhões de reais. Setenta e seis bilhões de reais, nós fizemos um acordo com os agricultores e estamos preparando uma medida provisória que tem não sei quantas páginas. A gente cuida do grande, do médio e do pequeno. E tínhamos deixado o cacau, que era uma condição especial, para a gente fazer depois que a gente fizesse o acordo da dívida agrária. Mesmo assim, os companheiros incluíram na Medida Provisória a questão do cacau na Bahia, que vai ser votada por esses dias. E isso me dá a tranquilidade de elogiar. Porque graças a Deus, gente, ser presidente da República é como ser um maestro de orquestra: você não tem que saber tocar todos os instrumentos, você tem que entender de partitura, de



música, de saber coordenar. Ser presidente da República é saber escolher as pessoas certas para cada lugar. Por exemplo: este baixinho aqui me apresentou o Territórios da Cidadania, que o Wagner citou aqui. Eu sou militante de base, fui militante sindical, militante de igreja, eu nunca vi nada tão perfeito como o Territórios da Cidadania. São 120 territórios no Brasil inteiro, envolvendo mais de duas mil cidades. A gente vai entrar de uma única vez com programas de 19 ministérios em cada cidade mais pobre do País para ver se a gente resolve esse problema.

O companheiro Geddel tem sido uma surpresa extraordinária do ponto de vista da execução dos recursos que a gente tem. E minha companheira Dilma Rousseff, na verdade quando eu disse que ela era a mãe do PAC, é porque o governo só governa se tiver alguém que decida, que é o Presidente, mas se tiver alguém que acompanhe diariamente. É como uma mãe, se uma mãe quiser que o filho passe de ano, ela tem que acompanhar o estudo do filho na escola. Se ela falar para o filho: “Vai fazer a lição de casa, vai fazer a tarefa”. E o moleque desaparece, tranca a porta e vai ler gibí, vai ver desenho, vai para o computador, ele termina o ano, não passa e mãe fala: “eu não sabia”. Portanto, a mãe tem que ir atrás, tem que cobrar, tem que saber se ele fez. É o que a Dilma faz no nosso governo. Ela cobra de cada Ministro, ela quer saber se foi investido o dinheiro, ela quer saber se as coisas estão acontecendo corretamente. E é por isso que eu posso dizer para vocês que o PAC é o maior programa de investimentos em infra-estrutura que já se fez neste País, da forma coordenada, com conselho gestor, da coisa mais extraordinária.

E aí, companheiros, tem a última coisa que eu quero falar para vocês: a questão do investimento em educação. Veja, neste País, aqui na Bahia, nós estamos fazendo uma universidade federal nova, estamos fazendo seis extensões universitárias e estamos fazendo 12 escolas técnicas. Só para vocês terem noção do que está acontecendo no Brasil: de 1909 até 2003, portanto



mais de 90 anos, o Brasil construiu 140 escolas técnicas. Nós, em 8 anos, vamos construir 214 escolas técnicas neste País. Estamos fazendo, no Brasil, 10 universidades federais novas, e estamos fazendo 48 extensões universitárias no Brasil. Vamos fazer uma universidade para a América Latina, para trazer estudantes de outros países mais pobres da América Latina. E vamos fazer uma faculdade, para trazer estudantes dos países africanos de língua portuguesa, que é uma forma de a gente pagar a dívida histórica que nós temos com o continente africano, que ajudou a construir este País, ajudou na nossa cor, na nossa cultura, na nossa inteligência. E essa miscigenação entre europeus, negros e índios produziu homens e mulheres bonitos para caramba, como é o povo deste País.

Mais ainda, eu estou vendo, ali, os companheiros angustiados, com uma faixa do ProUni. O ProUni é um programa extraordinário. Este ano nós vamos formar... os primeiros 60 mil jovens tiram diplomas este ano. Jovens da periferia, jovens de escola pública, 40% deles negros. Ou seja, nós já temos 410 mil jovens que jamais poderiam entrar na universidade, fazendo universidade neste País. E, agora, criamos o Reuni. O Reuni, nós estamos aumentando de 12 para 18 alunos por professor, nas escolas federais, e vamos elevar mais quase 400 mil alunos nas federais brasileiras.

E por que estamos fazendo isso? Porque eu quero que os meus filhos tenham a oportunidade de estudar, que eu não tive. Eu quero que o meu filho seja um doutor, e os filhos de você sejam os doutores que nós não tivemos chance de ser. E quero que ele seja doutor, porque eu quero ele qualificado, eu quero ele formado profissionalmente. Porque todo mundo sabe o que significa um homem formado e um homem não formado. O formado tem facilidade de arrumar emprego e tem facilidade de ganhar um salário melhor. O não formado bota a carteira no bolso da bunda, anda dias e meses atrás de um emprego e ninguém pega o emprego, e quando pega é para ganhar um salário mínimo ou, às vezes, só arruma emprego terceirizado.



E, mais ainda, formar a mulher. No ProUni tem 1.200 índios fazendo universidade. E formar a mulher. Por que formar a mulher? Porque a mulher sofre duas vezes. A mulher, na verdade, é quem tem uma dupla jornada. Ela trabalha na fábrica, no escritório ou na loja, mas é ela quem levanta de manhã para fazer café para o marido, para fazer café para as crianças, para mandar a criança para a escola. É ela que arruma a cama, é ela que faz o jantar, ela que coloca as crianças para deitar. É esse o papel da mulher. E a mulher que tem profissão é mais respeitada, não apenas na rua, mas dentro de casa. Porque a mulher que não tem profissão fica tão dependente do marido, que ela é capaz de apanhar de um marido bêbado e não ter coragem de reclamar, porque ela precisa do pão de cada dia. Se ela tiver uma profissão, e tiver o seu emprego e o seu salário, quando o marido encher o saco, ela fala: "Pode cair fora, que eu não preciso de você. Eu não preciso". Uma mulher e um homem têm que viver juntos porque se gostam, porque se amam, porque se tratam bem, não porque um é dependente do outro.

É por isso que nós vamos investir na educação. Na educação, na formação profissional, em ferrovia, em tudo o que vocês possam imaginar. Nós encontramos o fio da meada. Os primeiros quatro anos foram difíceis, um processo de aprendizado, a oposição muito nervosa. Mas hoje, graças a Deus, a oposição está mais calma, está mais tranqüila. Nós estamos sabendo mais das coisas, as coisas estão funcionando bem. A Dilma, agora, no Senado, deu uma acalmada no pessoal. Mas nós precisamos ficar atentos.

Eu estou vendo faixa, aqui, sobre uma segunda ponte, Wagner, isso é com você, não é comigo não, esse negócio de ponte, aí. Não, o Wagner já está consertando uma ponte que tem aí. Obviamente que nós vamos fazer um outro PAC, se a ponte for importante, ele que peça para colocar no outro PAC.

Prefeito, eu quero agradecer o carinho. Quero agradecer uma cocada que eu comi ali, que fazia tempo que eu não comia uma cocada tão gostosa.

Companheiros e companheiras de Ilhéus e da região,



**Presidência da República
Secretaria de Imprensa
Discurso do Presidente da República**

Eu estou realizado, porque era quase que uma profissão de fé a gente resolver esse problema do cacau, para essa região. Eu, que vou agora, no avião, comendo um quibezinho do Nassib, que o Wagner mandou colocar no avião. Obviamente que a Gabriela não está aí, para ir junto conosco.

Mas, de qualquer forma, companheiros, eu quero dizer que saio daqui com a alma lavada, de ter encontrado vocês e de poder dizer ao meu companheiro Jaques Wagner: companheiro Jaques Wagner, eu e você temos mais dois anos e oito meses de mandato. Vamos usar e abusar do direito de fazer o bem para o povo baiano.

Um abraço. Que Deus abençoe vocês. E até outro dia, se Deus quiser.

(\$211A)